



Evento: III Seminário Acadêmico da Graduação UNIJUÍ

JORNALISMO COMUNITÁRIO EM AMBIENTES DIGITAIS¹

João Antonio Baptista Barboza², Jordano Martins Fritsch³

¹ Trabalho desenvolvido na disciplina Comunicação Digital do Curso de Publicidade e Propaganda da UNIJUÍ, ministrada pela professora Nilse M. Maldaner.

² Estudante do Curso de Jornalismo - Unijui.

³ Estudante do Curso de Publicidade e Propaganda - Unijui.

O “jornalismo comunitário” tem se consolidado como uma importante forma de comunicação voltada para dar voz a grupos sociais historicamente marginalizados e para fortalecer a cidadania por meio de construções coletivas de narrativas locais. De acordo com Rodríguez (2001), a mídia comunitária pode ser compreendida como uma forma de *mídia cidadã*, na medida em que possibilita que os sujeitos construam e expressem suas próprias narrativas, promovendo inclusão e participação social. Páginas e grupos públicos e privados em redes sociais abertos para a publicação de notícias e anúncios pelos próprios usuários são cada vez mais comuns. O fenômeno é estimulado pelas novas facilidades tecnológicas, como dispositivos móveis com acesso à internet e plataformas digitais. Este trabalho foi produzido por meio de pesquisa bibliográfica, na qual é identificado que atualmente os cidadãos têm a possibilidade de serem agentes emissores de informação de interesse público, através das redes sociais e aplicativos de celular, porém, o ofício de jornalista, desde sua criação, não se caracteriza pelo acesso e uso dos meios de comunicação em massa, mas pela atividade investigativa, técnica e metódica perante os fatos. Procedimentos inerentes ao trabalho jornalístico, tais como averiguação, apuração dos fatos circunstanciais e ética profissional, são quase ausentes em publicações de caráter informativo produzidas por cidadãos comuns. Por outro lado, o jornalismo comunitário digital vem ganhando força ao abrir espaço para que cidadãos contem suas próprias histórias e dêem visibilidade a questões locais muitas vezes ignoradas pela mídia tradicional. Como destacado por Rodríguez (2001), trata-se de uma forma de mídia cidadã, em que comunidades constroem narrativas que fortalecem identidade e participação social. Páginas e grupos em redes sociais ilustram bem esse movimento, permitindo que moradores compartilhem notícias e demandas do dia a dia. Entretanto, como apontam Grupillo e Serra (2023), a ausência de práticas essenciais do jornalismo profissional, como apuração e verificação, levanta dúvidas sobre a confiabilidade dessas informações. No crescente fenômeno da criação de conteúdo informativo por usuários de redes sociais sem métodos jornalísticos, pode-se indicar certos pontos negativos, como a exposição de indivíduos que, muitas vezes, ocorre em acidentes de trânsito e homicídios, através de mensagens e postagens, onde as testemunhas compartilham fotos e vídeos das vítimas feridas ou mortas, violando princípios éticos do fazer jornalístico. A falta de perícia ao tratar a informação também é nociva, ao passo que pode distorcer fatos importantes sobre os casos compartilhados, prejudicar investigações em andamento e expor indevidamente pessoas envolvidas com o fato. O que difere esta prática, da transmissão oral de notícias de interesse público, conhecida por “fofoca”, são a escala e capacidade de manter registradas permanentemente informações. O jornalismo comunitário digital revela um campo em constante tensão entre oportunidades e riscos. Se por um lado amplia a participação social e dá visibilidade a narrativas locais, por outro carece de critérios técnicos que assegurem qualidade e ética. O desafio está em equilibrar a liberdade de expressão com a responsabilidade na circulação de informações, buscando caminhos que unem credibilidade e democratização da comunicação.

Palavras-chave: Tecnologia. Informação. Jornalismo. Jornalismo Comunitário.